BOM DIA FURG 17.03.1992

Atenção operador, programa Bom Dia FURG para a terça-feira 17 de março. Bom dia, Rio Grande, 17 de março de 1992, estamos iniciando o Bom Dia FURG desta terça-feira com os seguintes destaques. Reitor está participando de mais uma reunião plenária do CRUBI.

Funcionários do Hospital Universitário descartam a greve imediata. E a preocupação dos pesquisadores com a sobrevivência dos mamíferos marinhos, numa entrevista com a professora Maria Cristina Pinedo. O reitor Orlando Macedo Fernandes participou, na última semana, da reunião da ADIRO, a Associação de Integração Regional Universitária, que se realizou em Corrientes, Argentina.

E hoje, o reitor da Universidade do Rio Grande está em Sergipe, onde será realizada, até o dia 20, a 54ª reunião plenária do colegiado do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o CRUBI. O local é a Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju. No encontro, o tema principal é Educação, Desenvolvimento e Meio Ambiente.

A pesquisa na FURG. No Laboratório de Mamíferos, Departamento de Oceanografia, está sendo desenvolvida a importante pesquisa quanto à sobrevivência desta espécie, os perigos a que estão sujeitos estes animais e as variações que eles sofrem em várias partes do mundo, fazem parte dos estudos da professora Maria Cristina Pinedo. Ela retornou, há pouco, de curso de doutorado realizado na Califórnia, Estados Unidos, e vai explicar agora, ao público do Bom Dia FURG, os seus estudos.

Bom, o meu trabalho de tese foi feito com uma espécie de um pequeno cetáceo que ocorre aqui no litoral do Rio Grande do Sul, e é conhecido como Toninha pelos pescadores, cuja mortandade dessa espécie tem aumentado nos últimos anos e nos preocupa essa mortandade. Essa espécie ocorre não só no Brasil, mas também no Uruguai, na costa do Uruguai e na costa da Argentina, e cujo número de animais mortos anualmente está em torno de 600 a 700 animais. Esse número vai tender a aumentar quando informações referentes ao centro do Brasil e à parte sudeste do Brasil for conhecida.

Esse cetáceo é acidentalmente capturado em redes de pesca, na nossa costa. Meu trabalho de tese foi estudando a variação geográfica através de medidas cranianas e de esqueleto como um todo. Através dessas medições se pôde observar que duas formas existem, duas formas diferentes em termos de tamanho.

Uma forma menor que ocorre dentro da mesma espécie, que ocorre desde Santa Catarina até o litoral do Rio de Janeiro, e uma forma maior que ocorre desde o Rio Grande, a área adjacente aqui ao Rio Grande, até a Argentina, um pouco ao sul de Mar del Plata. Essas duas formas representam a diversidade biológica ocorrendo dentro de uma mesma espécie. Todos os estudos que foram feitos com diferentes espécies de cetáceos e mesmo de outros grupos de

mamíferos, estudos abrangendo um grande número de exemplares, foi observada diferentes formas ou diferentes tipos dentro dessas espécies.

É importante a manutenção, a conservação dessa diversidade biológica, dado que ela faz parte de todo um ecossistema, de uma relação com outros organismos vivos que complementam e são importantes na qualidade de vida das próprias espécies animais e na própria qualidade de vida do homem. Diferentes programas atualmente estão voltados para o manejo e para a conservação de espécies de pequenos cetáceos. Há grupos de trabalho, grupos de estudos em diferentes partes do mundo atualmente levantando informações e tentando aplicar medidas de conservação mais eficazes em relação a espécies preocupantes em termos de mortandade por pesca, em termos de mortandade por poluição e outros fatores vinculados ao homem e na qual dentro dessas espécies também se inclui a toninha que ocorre aqui no nosso estado.

Professor, mas essas iniciativas de proteção a esses animais, a essas espécies, geralmente partem de onde? De órgãos e instituições científicas? Ainda não falta aquela conscientização dos órgãos governamentais que não participam em geral desses programas de proteção e dessas pesquisas? Bom, os programas governamentais existem. Por exemplo, no Brasil existe uma lei de proteção aos pequenos cetáceos e também aos pinípedes que incluem as focas, os louvos e os leões marinhos. Essa lei protege esses animais, ela proíbe a pesca, ela proíbe a captura.

Agora, o caso das capturas acidentais é um problema de difícil solução porque ela não é uma captura direta, a rede não se destina a esses animais de uma forma direta, e sim de uma forma indireta, em que esses animais ficam capturados e acabam morrendo muitas vezes nesse tipo de pesca. Agora, o Brasil existe essa lei, ela talvez precise ser mais enfatizada nos locais, por exemplo, onde se observa uma interferência direta do homem ou do pescador com o animal. Esse não se trata especificamente do caso dos pequenos cetáceos, mas, por exemplo, há registros do nosso estudo, do nosso trabalho realizado desde 1976 aqui na Universidade tem mostrado que, por exemplo, os louvos, os louvos marinhos, eles são atingidos muitas vezes pelos pescadores de uma forma direta, de uma forma, ou a tiros, ou através de pancadas na cabeça, material que a gente recolhe nas praias, existem fraturas cranianas, existem cortes feitos por faca, por homem, e mesmo pedaços de redes enredados ao longo dos membros desses animais.

Então, esse é um problema que nós sabemos que ele tem, o animal, ele fica ao redor da rede, muitas vezes o pescador, ele tentando proteger essa rede, ou mesmo com o animal nas proximidades, há uma agressão, há uma agressão do pescador, do homem, em relação ao animal. Esse tipo de problema, sim, deve ser encarado de uma forma mais séria na proteção dessa espécie, que ocorre aqui no litoral sul, como ocorre em outras partes do Brasil e da América do Sul, do Atlântico Sul. Esse problema não ocorre com os pequenos cetáceos, mas ele, na medida em que nós detectamos a sua presença, medidas devem ser mais, medidas um pouco de fiscalização para a aplicação das leis, porque a lei no Brasil, ela existe, mas então a

parte de fiscalização deveria ser mais intensificada para que nós minimizássemos esse tipo de problema.

Em relação a outros países, professora, essa espécie animal, ela tem vários tipos, são as diferenças de espécies, como o seu estudo mostrou aqui na região brasileira e uruguaia, na costa brasileira e uruguaia, existe em outros países, também em outros locais, Amazônia, o boto-corda-rosa, e em outros países, outros tipos de mamíferos. Em relação aos outros países, como é que está o Brasil em termos de leis, de proteção e também de pesquisa? Bom, como eu disse, em parte de leis de proteção, de conservação, nós estamos com uma lei que talvez necessitasse para determinadas espécies, como eu acabei de dizer no caso dos lobos, uma fiscalização um pouco mais rigorosa nessa espécie, mas os órgãos, como a mesma sudete, essa lei veio da própria sudete, é uma lei datada de 81, se não me falha a memória, e essa lei protege toda a fauna de mamíferos marinhos que ocorre no litoral brasileiro. Nós temos toda uma infraestrutura também de pesquisa montada na Universidade do Rio Grande, eu diria bastante boa quando comparada com as condições que eu vi nos Estados Unidos em termos de monitoramento de praia, em termos de informações que se pode colher através de animais que aparecem mortos nessas praias, em termos de o que eles comem, qual é o tamanho das suas presas, qual é a importância desses itens alimentares dentro da cadeia trófica, qual é a incidência desses animais em pescas, em redes de pesca, nós temos um levantamento bom feito para isso, das quatro espécies que aparecem com maior frequência na nossa região, que em primeiro lugar é a toninha, o nome científico é Pontoporia blind villi, depois tem o lobo ou leão marinho, que todos conhecem também, são duas espécies, a Otária flavensis e o Artocephalus australis, e tem o boto, o famoso conhecido boto, que ocorre tanto na Zona Estuarial da Lagoa dos Patos como na Zona Costeira aqui do Rio Grande do Sul.

Ele é familiar de todos nós e, de uma certa forma, é bastante... os pescadores gostam, vamos dizer assim, do boto, e alguns deles inclusive acreditam que ajuda em pesca em determinadas regiões do Brasil, como Santa Catarina, por exemplo. Mas o que eu ia dizer é, então, que essas quatro espécies, que são as mais frequentes aqui, um bom levantamento tem sido feito, com esses parâmetros biológicos no conhecimento, e ele se equipararia, eu diria, com o estudo que está sendo feito em outras partes do mundo, incluindo também os Estados Unidos. É óbvio que os problemas são um pouco diferentes.

Nós não temos aqui nenhum tipo de captura de pequenos cetáceos em uma magnitude tão grande como é o caso, por exemplo, no Pacífico Norte Tropical, da captura dos atuns. A captura dos atuns com redes de cerco, onde milhares e milhares de golfinhos são anualmente, acidentalmente, capturados nessas redes atuneiras. O governo norte-americano está atento para esse problema já faz várias décadas, quase 30 anos agora, e monitoramento de mortalidade e proteção e modificação de redes de aparatos de pesca estão sendo efetuados pelos pesquisadores americanos.

No Brasil, nós temos vários grupos, ao longo do litoral brasileiro, em que estão se dedicando ao estudo dos mamíferos marinhos, assim como também o IMPA, em Manaus, que se dedica ao estudo dos mamíferos aquáticos. Esse grupo, várias pessoas dentro desse grupo estão atualmente nos Estados Unidos ou diferentes partes do mundo fazendo seus cursos de pós-graduação, mas, no seu retorno, vão se formar, então, grupos e pessoal vinculado a esses grupos, em que o desenvolvimento, também, no centro do país e mais ao norte do país, ele vai intensificar, acredito, nos próximos cinco anos. Reunidos em Assembleia Geral, os funcionários da FAER e a Fundação de Apoio ao Hospital de Ensino de Rio Grande decidiram manter-se diariamente em negociação, buscando adiantar o pagamento da última parcela do salário de fevereiro.

Este pagamento está previsto somente para o dia 27 de março. Os funcionários estão sendo representados pela própria coordenação da secção sindical da APTAFURG. No momento, os funcionários descartaram a possibilidade de greve.

Eles também decidiram começar processo na tentativa de incorporação dos 380 funcionários da FAERG e pela FURG. Hoje, somente 32 pessoas que atuam no hospital universitário são funcionários da Fundação Universidade do Rio Grande. Com essas informações, o Bom Dia FURG vai ficando por aqui.

Estaremos de volta amanhã. Até lá.